



A perspectiva religiosa na obra Dois irmãos de Milton Hatoum

Rosuel Lima-Pereira

► To cite this version:

Rosuel Lima-Pereira. A perspectiva religiosa na obra Dois irmãos de Milton Hatoum. Quadrant , 2005. hal-02514769

HAL Id: hal-02514769

<https://hal.science/hal-02514769>

Submitted on 22 Mar 2020

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

A perspectiva religiosa na obra *Dois irmãos* de Milton Hatoum

Rosuel LIMA-PEREIRA
Université Paul Valéry, Montpellier III

A obra *Dois irmãos*¹ do escritor brasileiro Milton Hatoum apresenta, entre os diversos temas abordados, o da crença e suas práticas religiosas. Esta temática fixa-se num espaço ficcional marcado por duas representações identitárias: a dos imigrantes, sobretudo os libaneses, e a dos autóctones, entre eles, os caboclos oriundos da miscigenação entre o índio e o branco.

O tema da crença e suas práticas religiosas surge da coexistência das duas religiões monoteístas inerentes à ação narrativa, o Islã e o Judeu-cristianismo. A estas duas profissões de fé, vem acrescentar-se as crenças animistas dos índios. No entanto, o tema essencial do romance é a fratria, uma irmã e dois irmãos gêmeos, tal como o fio condutor que travessa os escritos do Pentateuco. A simbólica dos irmãos gêmeos está também presente na mitologia, nomeadamente nos relatos considerados fundamentais como Rômulo e Remo, fundadores da cidade de Roma; Castor e Pólux, filhos de Zeus, respectivamente deuses da hospitalidade e da longevidade e Osíris e Ísis, deuses da morte e da saúde na mitologia egípcia. Aliás, a temática dos dois irmãos constitui o objeto principal de um dos mais antigos contos de agouro, descoberto num papiro de 1250 A.C que, durante mais de três mil anos apresentou-se em diversas culturas de forma múltipla e variada.

A temática dos irmãos gêmeos e da Duplicidade são recorrentes na literatura ocidental. A crítica interessa-se particularmente desde 1776, quando o escritor Jean-Paul Richet (1763-1825) criou o termo de "Doppelgänger". O tema do duplo celebrado pelo romantismo alemão é fonte de inspiração de numerosas obras-primas como: *Aurélia* (1854), do francês Gérard de Nerval (1808-1855); *Histórias extraordinárias* (1856), do estadunidense Edgar Allan Poe (1809-1849); *O Médico e o Monstro* (1886), do escocês

¹ As referências textuais são feitas a partir da edição publicada no ano 2000, pela Companhia das Letras, São Paulo.

Robert Louis Stevenson (1850-1894); *O Horla* (1886), do francês Guy de Maupassant (1850-1893) e *O retrato de Dorian Gray* (1891), do britânico Oscar Wilde (1854-1900).

O vínculo simbólico entre a fratria subjacente à crença religiosa provoca o interesse das Ciências humanas do ponto de vista da Alteridade e em consequência, o da Ipseidade. Estes dois conceitos adjacentes à formação identitária e à crença religiosa concedem aos personagens de *Dois irmãos*, quer uma procura de unicidade, quer uma procura de felicidade, seja ela pessoal ou coletiva. A busca da unicidade é representada pela relação conflituosa entre os dois irmãos, Omar e Yaqub. A respeito desta dimensão, o psicanalista francês Jacques Lacan (1901-1981) afirma, na sua comunicação *O estádio do Espelho como formador da função do Eu* (1949), que a experiência da Duplicidade é uma confrontação com o Outro, com a sua contrapartida, e por assim dizer, um encontro com a sua própria morte. No romance, a relação quase fratricida entre Omar e Yaqub, tem como fundamento a força, a disputa, o impulso de morte. Para os dois gêmeos, o outro não existe, seja ele natural ou sobrenatural e como consequência deste comportamento, a transcendência é aniquilada, sobrepujada por todos os atos e gestos imanentes que consistem na destruição do outro e no impulso de morte.

Seguindo esta perspectiva da crença religiosa, a simbólica dos irmãos gêmeos, refere-se também à Astrologia. No Zodíaco, o terceiro signo, Gêmeos, representa a dualidade do semelhante. É a imagem de todas as oposições internas e externas. O signo de Gêmeos representa o mundo dos contrários: o masculino e o feminino, a luz e as trevas... Esta simbólica dos contrários enuncia-se já no título do romance, *Dois Irmãos*, o qual remota aos modelos arquétipos e às crenças mais recônditas da alma. Na obra, a crença religiosa é marcada por algumas isotopias temáticas que se reagrupam num discurso espaço-temporal coeso. Seguindo esta dinâmica, a topologia simbólica vem agregar-se à narração em cadência com traços bíblicos e míticos. É a partir destes três aspectos que nós nos propomos a elaborar essa análise.

A crença religiosa e suas isotopias temáticas

Na literatura brasileira, o tema dos irmãos gêmeos unido ao aspecto religioso encontra-se pela primeira vez em *Esaú e Jacó* (1904), romance realista de Machado de Assis (1839-1908). Os dois personagens machadianos, Pedro e Paulo, tal que Omar e Yaqub do romance *Dois irmãos*, são inspirados na história do Gênesis. Neste livro do Pentateuco, de Abraão até Efraim, ou seja as quatro primeiras gerações desde a circuncisão, todos os patriarcas, seus filhos e as suas esposas intervêm neste mistério dos dois Povos. Outros personagens, antes e depois deles, terão igualmente um papel similar nos primeiros capítulos do Gênesis e dos Evangelhos.

Tratando-se do romance *Dois irmãos*, a intertextualidade² atribuída à Bíblia manifesta-se na história de maneira explícita e ao mesmo tempo de maneira implícita na narratividade. A intriga é marcada pela rivalidade entre os dois irmãos gêmeos, chamados Yaqub e Omar,³ e a relação entre a ama e a serva, Zana e Domingas. Além disso, encontra-se explicitamente no texto uma referência a alegoria bíblica dos dois irmãos, Cain e Abel. Zana, a mãe, exprime-se nesses termos: "*Não quero morrer vendo os gêmeos se odiarem como dois inimigos. Não era mãe de Cain e Abel.*" (p. 228)." Encontra-se igualmente na trama um paralelismo intertextual com a descrição do nascimento de Esaú (Gên. XXV, 25): "*Saiu o primeiro, ruivo, todo ele como um vestido de pelo; e chamaram-lhe Esaú* » ". E em *Dois irmãos*, pode-se ler: "*... nasceram em casa, e Omar uns poucos minutos depois.*" *O Caçula. O que adoeceu muito nos primeiros meses de vida. E também um pouco mais escuro e cabeludo que o outro*" (p. 67)".

Outro paralelismo, inverso desta vez, provém da cena onde Esaú vende os seus direitos de primogenitura a Jacó contra um prato de lentilhas. Na Bíblia, o episódio encontra-se no Gênesis⁴ (XXV, 27-34). Em *Dois irmãos*, Yaqub, numa de suas estadas em Manaus,

² Pour Michaël Riffaterre, "l'intertextualité est la perception par le lecteur des rapports entre une œuvre et d'autres qui l'ont précédée ou suivie" ("La trace de l'intertexte", *La Pensée*, n° 215, octobre 1980).

³ Yaqub: Jacó (hebreu). Aquele que vence, o que agarra ao calcanhar.

Omar: `umar (arabe): Aquele que vive muitos anos. Companheiro e sogro de Maomé. Omar foi o segundo califa do Islã.

⁴ "Cresceram os meninos; e Esaú tornou-se perito caçador, homem do campo; mas Jacó, homem sossegado, que habitava em tendas. Isaque amava a Esaú, porque comia da sua caça; mas Rebeca amava a Jacó. Jacó havia feito um guisado, quando Esaú chegou do campo, muito cansado; e disse Esaú à Jacó: "Deixa-me, peço-te, comer desse guisado vermelho, porque estou muito cansado ». Por isso se chamou Edom. Respondeu Jacó: Vende-me primeiro o teu direito de primogenitura". Então replicou Esaú: "Eis que estou a ponto e morrer; logo, para que

almoça em companhia dos seus pais, de Talib e suas duas filhas. Nesse momento, ele recusa tocar na comida que sua mãe acaba de lhe servir: " ... e se mostrou enfasiado quando Zana tornou a encher seu prato com lentilhas e fatias de carneiro"(p. 118).

Ao se analisar a antroponímia e os traços psicológicos dos quatro personagens, é interessante observar que eles são diretamente ligados ao tema bíblico do mistério dos dois Povos que começa com Abraão e os seus dois filhos. O primeiro, Ismael, filho concebido com a serva egípcia, Agar, e o segundo, Isaac, filho mais jovem, com sua mulher Sara. Na releitura que os discípulos de Jesus vão fazer da história hebraica, os escritos neotestamentários, sobretudo os de São Paulo na sua epístola aos Gálatas, e mais tarde os Pais da Igreja vão desenvolver a alegoria das duas mulheres "*que são as duas alianças*". Toda a história dos patriarcas reúne esses grandes temas: a mulher estéril que gera, o caçula que passa à frente do primogênito e recebe a bênção, os dois Povos e a inveja do irmão mais velho que quer matar o caçula. Nos primórdios do cristianismo, toda exegese será apenas um estudo simbólico da *prefiguração* da Igreja e da Sinagoga.

No romance, os dois irmãos gêmeos, Omar e Yaqub, representam as nações pagãs e a *Nação escolhida* por Deus. Na Bíblia, o filho caçula, Yacob, é o preferido da mãe, Sara; do mesmo modo, na obra de Milton Hatoum, o filho caçula, Omar, é o preferido de Zana, o que cria, como observa a universitária Maria Zilda Ferreira Cury, « *um "efeito de espelho, uma imagem invertida*"⁶. Se Jacó foi obrigado a deixar o seio familiar e ser enviado à casa do seu tio no Líbano⁷, após ter usurpado a bênção de Esaú dada pelo velho Isaque, o mesmo desenlace verificar-se após a história da cicatriz (p. 25).

Quanto a origem de Zana e Halim, ela pode ser vinculada, por analogia, a outros temas bíblicos, visto que ambos vêm do Líbano, terra cantada por sua beleza, pelos seus cedros ⁸ : "*... montanhas onde a neve brilhava sob a intensidade do azul do céu. A beleza*

me servirá o direito de primogenitura?" Ao que disse Jacó: "Jura-me primeiro". Jurou-lhe, pois; e vendeu o seu direito de primogenitura a Jacó. Jacó deu a Esaú pão e o guisado e lentilhas; e ele comeu e bebeu; e, levantando-se, seguiu seu caminho. Assim desprezou Esaú o seu direito de primogenitura".

⁵ Ga IV, 24-26. Agar, a escrava, corresponde à Jerusalém atual (os judeus), Sara, a mulher livre, à Jerusalém do Céu (os cristãos).

⁶ "*Effet de miroir, une image*". Maria Zilda Ferreira Cury, "L'étranger qui m'habite : voix immigrantes dans la fiction de Milton Hatoum", *Revue Quadrant*, n° 21, Université Paul Valéry, Montpellier, 2004.

⁷ Gênesis XXVIII, 5.

⁸ Ezequiel, capítulos XVII, XXVII, XXXI; Juízes IX,15; 1Rei IV,33; Salmo, capítulos XXIX, LXXII, XCII; Cântico dos cânticos, capítulos III; Isaías X; Jeremias capítulos XVIII, XXII; Oseias, XIV.

misteriosa, bíblica, dos cedros milenares nas ondulações brancas, às vezes dourados pelo sol invernal "(p. 63). Um dos traços do caráter de Halim, a paciência para com a sua mulher, é comparada a de outro personagem bíblico, Jó⁹, posto à prova por Deus, sem portanto, nunca proferir uma blasfêmia ou uma queixa. Eis como Halim é descrito em *Dois irmãos*: "*Ele, paciência só, um Jó apaixonado e ardente, aceitava, engolia cobras e lagartos, sempre fazendo as vontades dela (Zana), e, mesmo na velhice, mimando-a ...*" (p. 54). "*Esperou: paciente, insistente na paciência*" (p. 64). "*Toda valentia é vulnerável. Halim, tão sereno, sabia disso?*" (p. 93).

Se nos primeiros relatos do Pentateuco, o fio condutor é o estabelecimento de uma relação privilegiada entre o povo e o seu Deus através da Palavra, *Davar*, da Benção, *Berakah*, e da Descendência, *Toledot*, na história dos dois irmãos gêmeos de Milton Hatoum, a ação é contada como os acontecimentos bíblicos, como uma anamnese do que foi visto e vivido. Ao longo de toda intriga, o narrador dispensa-se bem de adotar uma atitude maniqueísta e de designar qual dos dois, Yaqub ou Omar, representa o bem ou o mal. Com efeito, ainda que ocorra várias intertextualidades entre a obra de Milton Hatoum e a Bíblia, o autor brasileiro, pela sua imaginação e pela sua liberdade de expressão, dá a um tema repetidamente abordado e interpretado, uma nova dinâmica que a criação literária oferece.

A presença da *práxis* religiosa no discurso espaço-temporal

No relato de *Dois irmãos*, podemos constatar uma acumulação isotópica espaço-temporal. Esta isotopia discursiva refere-se frequentemente à religião cristã e só uma vez à religião muçulmana. Uma série de palavras, expressões, lugares e referências ligados à crença religiosa ou seja, uma cultura marcada pela civilização cristã, pode ser assinalada no processo narrativo que consiste em dinamizar a cronologia da trama de Milton Hatoum. Ao se abordar a religião cristã que percorre toda a narração, frequentemente ver-se que a delimitação temporal utilizada é a do calendário festivo religioso. Consequentemente, é difícil estabelecer uma cronologia linear do relato com

⁹ Livro de Jó.

seus dias, meses, ou até ano. Três datas do calendário gregoriano marcam os acontecimentos contados: a quarta-feira de Cinzas precedida do carnaval (o mês de fevereiro ou o de março), a festa dos padroeiros, são João e são Pedro (os dias 24 e 29 de junho) e o Natal (o 25 de dezembro). Alguns exemplos podem ser citados como o da página 19, quando Yaqub "*na quarta-feira de Cinzas*" conta à Domingas como foi o baile de carnaval, e porque "*desprezava estas festas... e as festas do mês de junho...*" (p. 32). Ainda nas páginas 75,¹⁰ 94¹¹, 153¹², 185¹³, 187¹⁴, 212¹⁵ referências são feitas a estes dois acontecimentos que são de origem pagã. O outro acontecimento eminentemente cristão que serve de referência é a festa da Natividade. A primeira menção encontra-se na página 34, quando Zara vai ao Colégio dos padres Salesianos queixar-se da expulsão de seu filho Omar: "*Quantos órfãos deste internato comem à nossa custa, irmão? E as ceias de Natal, as quermesses, as roupas que nós mandamos para as índias das missões?*" "Este acontecimento religioso é seguido cronologicamente da data onde Yaqub anuncia a sua partida para São Paulo em 1949¹⁶ e quase vinte anos depois, em 1968¹⁷, quando falece Halim."

Quanto ao espaço privado ligado a práxis religiosa, a casa é o primeiro lugar da aprendizagem de fé e da escuta da Palavra. Este aspecto do *locus vivendi*, como igreja doméstica é representado na topologia simbólica de maneira transversal em todo o relato da obra *Dois irmãos*. Pois é também neste espaço fechado e familiar que se realiza a integração, a unificação de duas culturas distintas. É lá que tem lugar o encontro do Oriente e do Ocidente, dois ritos, maronita e o romano, na igreja doméstica, em torno do altar. "*As duas rezavam juntas as orações que uma aprendeu em Biblos e a outra no orfanato das freiras, aqui em Manaus*" (p. 65). O primeiro a dar-se

¹⁰ "Era junho, véspera de São João, a canoa com a imagem do santo se aproximava do rio, os gambeiros batiam tambor, cantava e pediam esmola para São João".

¹¹ "Rânia podia freqüentar os arraiais, as festas juninas, os bailes carnavalescos, as festinhas do parque aquático do Atlético Rio Negro Clube..."

¹² "... sentados à sombra dos oitizeiros na beirada da praça: a imensa e verde arena oval, palco de muita festa junina".

¹³ "... as aulas no liceu começaram logo depois do Carnaval".

¹⁴ "Muitos economizavam para gastar no Carnaval, mas alguém sempre comprava, e eu arrancava de Rânia um sorriso e uns trocados a título de comissão".

¹⁵ "... antes do anoitecer, Talib telefonou para avisar que o amigo não aparecera para o gamão do Natal e que ia sair atrás dele".

¹⁶ Página 38. "Inflexível foi o próprio Yaqub, que enfrentou a resistência da mãe quando informou, no Natal de 1949, que ia embora de Manaus".

¹⁷ Página 211. "Só uma vez minha busca foi inútil. Na manhã da véspera do Natal de 1968 ele saiu de casa (Halim), e todos esperávamos que de moitinha estivesse de volta..."

conta desta aproximação foi Halim: "*o que a religião não é capaz de fazer, ele disse. Pode aproximar os opostos, o céu e a terra, a empregada e a patroa*"(p .65).

Quanto a práxis religiosa dos personagens de origem maometana, ela é quase inexistente. Somente Halim é descrito como muçulmano. No relato, o desprezo pelo o que ele representa à comunidade libanesa é patente e explícito, sobretudo para as mulheres. Na cena do casamento com Zana, cristã, ele é qualificado de "*muçulmano*"¹⁸ e "*maometano*". Duas vezes apenas é citada na história o lugar onde Halim faz as suas orações: " ... *a sobreloja, espaço exíguo onde Halim às vezes rezava ou se refugiava com a mulher...* "(p. 132). E mais tarde, no final do romance, quando Zana, no leito de morte, recorda-se, frente à Naël, de sua vida amorosa com Halim: " ... *no tapete? se namoramos no tapete onde ele rezava? Ora, mil vezes...* "(p.v251).

Ao longo da narração, é constante a práxis religiosa ao mesmo tempo que a crença é parte integrante da vida da ama, Zana, e de sua serva, Domingas. Esta religiosidade é exteriorizada tanto sobre a esfera privada (o altar na casa), quanto sobre a esfera pública (as missa na igreja). Quanto a Halim, talvez pela força das circunstâncias, dada a ausência de mesquita em Manaus, ele se satisfaz em rezar num espaço privado; não em sua casa, mas antes na sua loja, no seu lugar de trabalho. Em todo caso, a dimensão espiritual destes três personagens não é transmitida a nenhum dos herdeiros, os gêmeos Yaqub e Omar, e a filha Rânia. Enfim, assim como a ascendência espiritual dos pais sobre os filhos é inexistente, um paralelismo estabelecer-se do ponto de vista carnal, já que nenhum dos filhos dá nascença a um descendente.

Algumas observações sobre a topologia simbólica em *Dois irmãos*

Desde as primeiras páginas de *Psicologia e alquimia* (1944), o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) escreve que "*a alma possui naturalmente uma função religiosa (...) e que a tarefa principal de toda educação do adulto é fazer passar o arquétipo da imagem divina ou suas emanações e seus efeito na consciência*"¹⁹. No romance *Dois irmãos*, não se trata de transmitir qualquer que seja a imagem divina, mas, mais do que

¹⁸ Página 52.

¹⁹ C. G. Jung, C. G., *Psicologia e alquimia*, Petrópolis, editora Vozes, 1971.

isso, trata-se de restabelecer, ou melhor, estabelecer a imagem humana, fraternal dos dois gêmeos. Infelizmente, a fratria como a educação fracassaram. Yaqub et Omar atravessam suas existências com rancor e ódio. Apesar de todas as orações de Zana, de todas as súplicas feitas aos seus filhos e a Deus, nada se pôde fazer para reconciliá-los. Se bem que na Numerologia e na significação dos números na exegese bíblica o número 2 contado como 1 + 1 igual a 2, sendo sempre 1. Esse número representa o casal, a unidade fecunda tal qual indicado no livro do Gênesis. Na narrativa de Milton Hatoum tudo se opõe a esta harmonia porque entre os dois gêmeos não há nem unidade nem fraternidade como nas suas vidas não há nem fecundidade nem felicidade. Os dois irmãos estão rodeados por um espaço religioso ao mesmo tempo, do ponto de vista interno, o lar; e do ponto de vista externo, o colégio dos padres Salesianos. Por outro lado, este assunto só é tratado no Primeiro capítulo onde se encontram a narrativa da expulsão de Omar do colégio e a partida de Yaqub à São Paulo.

Em *Dois irmãos*, há uma grande quantidade de referências à religião cristã. Lá encontram-se signos, sacramentos (eucaristia²⁰, casamento²¹ e batismo²²), sacramentados²³, (objetos, festas religiosas). Entretanto, o que nos interessa, é o *topos*, o espaço real onde se desenrola a trama, isto é, a Casa. Na sua configuração topográfica, seria importante abordar em um outro estudo sobre esta narrativa, a casa com seus quartos, seu jardim, seu terraço, sua sala - testemunhas mudas da vida e suas eventualidades. Esta casa, onipresente na obra *Dois irmãos*, é caracterizada no simbolismo judaico-cristão pelo próprio lugar onde Deus quer estabelecer sua morada. Neste contexto, o homem é convidado ao término de sua vida, a deixar sua casa terrestre e revestir-se de sua morada eterna.

Ao longo da história desta família de origem libanesa nos confins do Brasil, a casa é edificada e demolida assim como a vida dos personagens. Neste contexto, o símbolo da casa é análogo ao da mulher fértil. Aqui, esta feminilidade é representada pela patroa, Zana, e a empregada, Domingas. As duas mulheres são unidas pela oração e suas

²⁰ Página 65: "...mas ao regressar a casa, com a alma pura e o gosto da hóstia no céu da boca, Halim a erguia (Zana) na soleira da porta e subia a escada carregando-a no colo".

²¹ Página 53: "...E fez outra: tinham de casar-se diante do altar de Nossa Senhora do Líbano, com a presença das maronitas e católicas de Manaus".

²² Página 250: "...o nome dela de batismo em Biblos era Zeina".

lembranças opressivas. Tal qual uma metáfora sutil, a casa se desmorona e os corpos se desgastam. Por outro lado, constata-se que todas as casas de família do romance são consagradas à ruínas tal a descrição da Casa de Deus do Tarô de Marselha. A carta XVI mostra que nada jamais é adquirido, que o mais belo edifício criado pela mão humana é, apesar de tudo, frágil.

Para concluir, mostramos que o espelho da sala da casa, quebrado por Omar, por ocasião de uma crise de raiva reflete a imagem do filho que destrói a harmonia familiar (p. 172). É na oração que Zana tenta restabelecer a imagem perfeita de seu lar, talvez como a Sagrada Família na cidade de Nazaré, ou talvez como os primeiros cristãos que se reuniam na casa “*assíduos aos ensinamentos dos apóstolos e à comunhão fraterna, à partilha do pão e às orações*²⁴”. Enfim, o conflito irreconciliável entre os gêmeos, tendo a casa como *topos* simbólico insere o romance na perspectiva bíblica e mítica onde o tema da Alteridade e por ele o da Ipseidade remete à eterna busca por um certo Paraíso perdido.

Conclusão

Ao termo destas observações sobre a perspectiva religiosa, tentamos pôr em evidência alguma representações temáticas recorrentes na Bíblia e que são presentes de forma discreta na narração de *Dois irmãos* de Milton Hatoum. Aliás, como é o caso também da questão da imigração, do incesto, dos acontecimentos sócio-históricos da nação brasileira, da floresta amazônica. Todos esses temas são sugeridos. Eles se entrecruzam em filigrana para serem retraçados na opacidade das reminiscências do narrador.

Os procedimentos ficcionais utilizados pelo narrador têm uma função catártica²⁵. Isso vai lhe permitir purgar seu passado na procura de suas origens. O aspecto religioso descrito nos grandes acontecimentos na obra, dá aos personagens que são as memórias do narrador, talvez uma resposta à questão da identidade. Utilizando o processo

²³ Página 248: “... (Domingas), ia correndo até a sala e a encontrava (Zena) de pé, perto do oratório, o terço pendurado na mão direita”.

²⁴ A primeira comunidade. Atos dos Apóstolos II, 42.

²⁵ Grego: “purificação”. Segundo Aristóteles, este efeito de “*purgação de paixões*”, produz-se sobre os espectadores diante de uma representação dramática.

anamnésico da reconstrução do passado, o narrador põe em evidência este mesmo procedimento utilizado nas religiões monoteístas, isto é, a releitura da história humana sobre a luz da fé.

Ao empregar-se em *Dois irmãos* a noção de “*distância psíquica*”²⁶, criada pelo ensaísta americano John Gardner (1933-1988), o leitor atento pode perceber, apesar do espaço ficcional, a região amazônica, que poucas referências são feitas às crenças dos autóctones, os *caboclos*. Na trama tem-se uma abundante descrição de seus *modus vivendi*, seja ela alimentar, habitacional e comportamental. Porém, poucas indicações deixam pressagiar suas práticas culturais. Esta escolha deliberada da parte do narrador, talvez signifique que a escritura seja um catalisador para a construção do eu. É verdade que a dimensão religiosa no romance confirma, graças a relação conflituosa dos dois irmãos gêmeos, que toda dimensão pessoal para ser fecunda precisa ir ao encontro do próximo, do outro, antes de querer estabelecer qualquer relação com o Outro, o Divino.

²⁶ John Gardner, *The Art of Fiction*, 1983. “Por *distância psíquica*”, denominamos a distância que o leitor sente entre ele mesmo e os eventos da história. É o *espaço* que o leitor sente existir entre ele e o conteúdo do texto.